

O CENTRO URBANO DE QUIXADÁ

Alexandre Queiroz PEREIRA

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Quixadá,
e-mail: aqp@ifce.edu.br

RESUMO

Diferentemente das metrópoles atuais, policêntricas, Quixadá(CE) apresenta-se monocêntrica e com um centro bem definido. Em termos de escala, pode-se dizer que todas as suas localizações podem ser percorridas por um passeio a pé. Esta localização tem força simbólica e econômica que contribui para a constituição da imagem e das funções da cidade. A continuidade do texto está estruturado seguindo duas formas distintas de compreender a cidade. Inicialmente, Quixadá será discutindo no seu contexto regional, e assim, enfatizar-se-á sua inserção na “hierarquia” urbana atual. Posteriormente, a ênfase recai sobre o nível intraurbano, principalmente, as relações socioespaciais constituídas no centro da Cidade. A perspectiva econômica tem influenciado a produção da cidade fato que para determinados grupos sociais representam a modernização e o “desenvolvimento”. No entanto, uma série de questões põe em discussão esse ponto de vista. Neste sentido, recorre-se ao equívoco de criar espaços regidos pela lógica econômica. O espaço banal, lúdico, da reprodução da vida inclui o uso e não somente a troca.

Palavras-chave: região, intraurbano, cidade, centralidade.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, assim como no contexto internacional, inúmeros pesquisadores se debruçam sobre os problemas tangentes a cidade e ao urbano. Além disso, tais pesquisadores (geógrafos urbanos) trabalham arduamente na tentativa de produzir um conhecimento geográfico que supere (sem abandonar) as descrições e as classificações das cidades. Os textos produzidos nos últimos quarenta anos demonstram a preocupação dos geógrafos em, além de quantificar e localizar os fenômenos urbanos, compreendê-los e explicá-los à luz de estudos empíricos, mas apoiados em sólidas bases teóricas. Neste sentido, há uma interação entre o que é produzido a nível internacional e a realidade urbana do território brasileiro. Na tentativa de contribuir no entendimento desta diversificação urbana brasileira, elenca-se o caso das cidades situadas no Sertão cearense, em destaque a cidade de Quixadá.

A continuidade do texto está estruturado seguindo duas formas distintas de compreender a cidade. Inicialmente, Quixadá será discutindo no seu contexto regional, e assim, enfatizar-se-á sua inserção na “hierarquia” urbana atual. Posteriormente, a ênfase recai sobre o nível intraurbano, principalmente, as relações socioespaciais constituídas no centro da Cidade. Sumariamente, antes do supramencionado, pontua-se as condições de ocupação do território do Estado do Ceará, enfatizando os movimentos socio-econômicos-culturais que originaram a formação dos principais núcleos urbanos.

2. AS CIDADES NO SERTÃO: QUIXADÁ NA ESTRUTURA URBANA CEARENSE

O município de Quixadá está localizado no território cearense, inserido nas terras semi-áridas nordestinas. Tal condição remete a um contexto histórico-geográfico de ocupação do território. Do período da colonização portuguesa à contemporaneidade, inúmeros processos sociais condicionaram o povoamento

moderno do sertão. Diz-se moderno, para não esquecer os vários povos e tribos nativos que já habitavam essas paragens e que à época da chegada dos europeus desenvolviam seus próprios modelos de organização territorial baseado ora no sedentarismo ora no nomadismo.

Diferente dos casos das faixas litorâneas nordestinas mais meridionais (hoje Pernambuco e Bahia), os sertões foram organizados pelos fenômenos motivados pela atividade pecuária bovina, atendendo a demanda por alimentos, dinamizada pela economia açucareira desenvolvida na Zona da Mata. Do sertão ao litoral, inicialmente no século XVII, os vales dos rios foram ocupados por contingentes populacionais advindos de correntes migratórias da Bahia e Pernambuco (ANDRADE, 1986). Logo, nos séculos posteriores (séculos XVIII e XIX) os currais e os caminhos de boiadas constituiriam as origens dos principais aglomerados urbanos contemporâneos. Neste sentido, vale destacar síntese elaborada por Souza (2007) a respeito do quadro de ocupação do espaço cearense.

No final do século XVIII, grande parte do território cearense já estava ocupado pelos colonizadores através da concessão de sesmarias. Cite-se como exemplo, as regiões do vale do baixo, médio e alto Jaguaribe, incluindo as áreas dos afluentes do rio Jaguaribe, ou sejam o vale do rio Banabuiú (região de Quixeramobim), o vale do rio Salgado (região de Icó) e o sertão dos Inhamuns (região de Tauá). Destaca-se, também a ocupação, pelos criadores de gado, das áreas dos vales do Acaraú e do rio Coreaú no norte do Ceará. (IBIDEM, p. 16)

O gado, o couro e as charqueadas longe de representarem apenas componentes de atividades de trocas comerciais, contribuíram para o enriquecimento de cidades como Icó, no Sertão, Sobral, ao Norte, e Aracati no litoral. Nestas cidades, a riqueza foi transformada em patrimônio arquitetônico e também num modo de vida marcado pelo imaginário sertanejo (a civilização do couro como denominou Capistrano de Abreu).

Quixadá na aurora do século XIX aparecia como um simples povoado eclipsado pela maior pujança da vila de Quixeramobim (1789). Conquanto, constatar a hierarquização dos núcleos citadinos do século XVIII em relação à atualidade permite criticar qualquer noção evolucionista das formações urbanas ao longo do tempo-espaço. A título de exemplo, Fortaleza, uma das primeiras vilas da Província e atual metrópole regional, no século XVIII ocupava o “insignificante” status de aglomerado de terceira grandeza, acumulando meras funções administrativas.

O quadro urbano cearense sofrerá mudanças importantes no século XIX, primordialmente, na sua segunda metade. A economia baseada na pecuária e nas charqueadas é abalada pelos constantes e longos períodos de estiagem que reduzem o rebanho bovino cearense. Neste período, acontecimentos de ordem político-administrativa, econômica e tecnológica favoreceram uma nova estruturação urbana:

1. A independência política do Ceará em relação a Pernambuco (1799);
2. A abertura dos portos brasileiros as nações amigas (1809);
3. A Independência e a instituição do Império (1822);
4. Aumento da demanda internacional por algodão;
5. A construção da via férrea.

Dantas (2003) analisa essa série de fatos e medidas como essenciais para a reestruturação do sistema de cidades no Ceará. A linha férrea em direção ao porto de Fortaleza e as taxas alfandegárias mais baixas em relação aos portos de Acaraú e Camocim propiciaram drenagem significativa de mercadorias e recursos por parte de Fortaleza. Tal conjuntura condiciona a ascensão da Capital à cidade primaz, ao passo que ampliou sua área de influência a todo o território cearense, subjugando núcleos outrora preponderantes (principalmente Sobral). No mais, como enfatiza Souza (2007) outros núcleos urbanos sofreram transformações e alcançaram status hierárquicos superiores aos registrados no início do século XIX.

Dadas essas condições e em reflexo a dinamização econômica promovida, em grande parte, pela plantação e beneficiamento do algodão, o povoado de Quixadá, sob jurisdição de Quixeramobim, é elevado a vila em 1870. E rapidamente, em 1889, a vila é conduzida ao status de cidade. À época, segundo dados de 1890, a população municipal correspondia a 14780 habitantes.

Fato contemporâneo as emancipações e de significativa importância constitui-se com a construção do Açude Cedro, iniciado no ano de 1884 (concluído na primeira década do século XX). A barragem pioneira inaugurou as intervenções públicas em “combate a seca” no Nordeste brasileiro, sob a responsabilidade da Comissão de Açudes criada então por D. Pedro II. A construção deste importante objeto técnico (SANTOS, 1996) é um condicionante para a reestruturação do território no Sertão Central, atraindo grande contingente de trabalhadores e moradores para aquela paragem sertaneja. Durante todo o período de

construção mais de trinta mil pessoas envolveram-se diretamente. Além do abastecimento humano, de acordo com Costa (2002) o Açude Cedro foi planejamento para irrigar uma área equivalente a 1000 ha. Costa considera a alocação do Açude Cedro promoveu para Quixadá uma virada cultural. Desenhado este quadro, conformou-se a partir de então um pólo de atração de população, “um oásis”, em relação a um território caracterizado pela pobreza, desigualdade fundiária e também pelas intempéries climáticas (estiagens).

A linha férrea, nova base tecnológica de transporte, que chega cidade por volta do ano de 1881, reforça um novo quadro urbano, anteriormente mencionado: Quixadá iguala-se em importância a Quixeramobim, mantendo relações mais intensas com a Capital da província, que à época, tornava-se a principal aglomeração urbana do Estado.

Nas primeiras décadas do século XX, compreendidos numa fase de beneficiamento e de comércio dos produtos agropastoris, os proprietários de terra invertem seus lucros na ampliação da base comercial e industrial em Quixadá. Egler (2001) pontua este fenômeno, denominando-o de drenagem da renda fundiária, ao passo que confere relevância significativa na estrutura de uma região, principalmente para suas cidades.

É importante ressaltar a existência de grupos de proprietários fundiários que drenam nas cidades os benefícios de atividades rurais. (...). Os investimentos realizados a partir da renda fundiária podem dinamizar o desenvolvimento econômico de toda uma região. (op. cit, p. 32)

Em Quixadá, as casas comerciais diversificaram seus produtos e galpões foram erguidos para o beneficiamento do algodão. Assim também, outras funções institucionais (escolas, igrejas, etc) se consolidam na aglomeração urbana. É inegável a importância da venda do algodão (ouro branco) para a dinamização da economia regional. Neste período, instalam-se os primeiros objetos técnicos (e redes) em um meio quase natural. Em 1925, a estação telegráfica; no ano seguinte, efetiva-se o sistema elétrico; em 1939 e 1943, respectivamente, instalam-se a primeira agência do Banco de Crédito Comercial e a do Banco do Brasil S/A; e em 1959, já funcionava um sistema telefônico com cerca de 200 pontos (conforme Arquivo da Biblioteca Municipal de Quixadá).

Em seguida ao segundo pós-guerra o planejamento das políticas agropecuárias brasileiras se volta a “modernização da agricultura”, neste sentido culturas voltadas para a exportação (no Ceará, principalmente frutas tropicais) recebem recursos, terras e assistência técnica em detrimento das culturas tradicionais (como o algodão) e de subsistência. É o momento da chamada revolução verde fundamentada na industrialização da agricultura e na criação dos complexos agroindustriais, processo esse que mais tarde será considerado como modernização excludente (ELIAS, 2002).

Quixadá aponta para o século XX com relativa importância regional. Sua economia fortalece-se e desponta até um período de decadência simultânea ao desmantelamento da produção e venda do “ouro branco”. É certo que após a primeira metade do século XX, Quixadá entrara na hierarquia urbana cearense enquanto aglomeração articulada aos demais centros (principalmente, Fortaleza) e, ao lado de Quixeramobim, polarizara o que mais tarde seria chamado de “região do sertão central”.

3. A ANÁLISE INTRAURBANA: O CENTRO DE QUIXADÁ

Na segunda parte deste texto, realizar-se-á uma abordagem intraurbana da cidade de Quixadá. As cidades, em meio as suas peculiaridades, grosso modo, se organizam morfológica e economicamente em torno ou a partir de um núcleo primeiro de ocupação. Constitui-se em sua origem um núcleo inicial de estruturação urbana, o que se denomina de centro histórico. Centro não por sua posição no plano geométrico, mas pela preponderância história-geográfica na dinâmica intraurbana e também regional da cidade.

Diferentemente das metrópoles atuais, policêntricas, Quixadá apresenta-se monocêntrica e com um centro bem definido. Em termos de escala, pode-se dizer que todas as suas localizações podem ser percorridas por um passeio a pé. Esta localização tem força simbólica e econômica que contribui para a constituição da imagem e das funções da cidade. Essa característica representa, ainda, uma conexão entre o local e o regional/mundial. As trocas sejam materiais (também econômicas) ou simbólicas ocorrem preferencialmente

no centro, lugar de encontro, de reunião e de simultaneidade. Assim, o centro sintetiza o local e o regional. Nele ocorre o estranhamento e a identificação. O tradicional e o novo são misturados e separados, produzindo kitsch, folclores, requintes, em suma, diferenciações.

O Centro urbano de Quixadá reúne tempos diferentes da reprodução da vida no recorte do sertão cearense. A aglomeração das formas arquitetônicas, as praças, a monumentalidade das igrejas, o vai-e-vem das pessoas, dos animais, das mercadorias representam a produção histórica e presente de uma cidade e assim, simultaneamente, da sociedade. O centro da cidade com suas funções comerciais, residências, institucionais e banais são transformados continuamente pelas demandas tanto de moradores como de visitantes.

De cima da Pedra do Cruzeiro, monólito inserido na tessitura urbana, avista-se toda a morfologia do centro de Quixadá. Atualmente, o bairro Centro estabelece limites com outros dez: ao norte com Herval, Triângulo e Alto da Boa Vista; ao sul com Putiú; ao leste com Baviera, Irajá e Alto do São Francisco; e ao oeste com Planalto Universitário, Combate e Curicaca (ver figura II). Estruturada em xadrez, sua ocupação inicial partiu do que é hoje a Praça Manuel de Barros (conhecida popularmente como praça dos leões). Segundo Costa (2002) o traçado urbanístico do centro, pensado pelo engenheiro inglês Jules Jean Revy (responsável inicialmente pela construção do Açude Cedro), tinham como diretriz primordial o estabelecimento de um plano xadrez com vias largas.

A tipologia imobiliária apresenta uma ocupação contínua, com predominância de imóveis térreos, sendo, que este padrão vem mudando ao longo da primeira década do século XXI. A cidade já apresenta número considerado de prédios que atingem a marca dos três e quatro pisos. A incorporação de novas ruas a dinâmica comercial tem transformado as residências de um único piso em imóveis mistos com quatro ou mais pavimentos. Além dos serviços e comércio, a produção de imóveis para locação residencial é outro elemento dinamizador da construção civil no centro de Quixadá.

Os dados sistematizados pelo Cadastro Técnico Multifinalitário (CTM), organizado pela secretaria municipal de planejamento e finanças de Quixadá, permite compreender, quantificar, e classificar os imóveis de acordo com seus usos. De acordo com esse banco de dados (Fevereiro de 2010) existem aproximadamente 3587 imóveis cadastrados no polígono do centro, destes 1630 são residenciais, 756 são comerciais, 95 residenciais horizontais com comércio, 615 residenciais verticais com comércio e 491 imóveis destinados a prestação de serviços. Neste cenário um aspecto pode ser considerado positivo. Conforme dados do IBGE (2007) o bairro Centro com 5652 habitantes é o terceiro mais populoso. Em tempos de decadência dos centros históricos das grandes cidades (monofuncionais e sem habitantes), a função residencial predomina na centralidade. Desta forma, o crescente número de imóveis redefinidos para fins terciários deve ser alvo de discussão no processo de elaboração e revisão das leis urbanísticas municipais.

É quase unanimidade a identificação do centro por seu adensamento de empreendimentos comerciais e de serviço. A figura II localiza polígono conformado pelas vias onde se concentram o maior número destes empreendimentos. Neste recorte, destacam-se como “corredores comerciais” as ruas José de Queiroz Pessoa, Eudásio Barroso (e Travessa Tiradentes), Basílio Pinto, Rodrigues Júnior, Francisco Enéias de Lima, Tabelião Enéas, José Jucá, Clarindo de Queiroz e a Avenida Plácido Castelo.

A diversidade tipológica é indicativa das diferenças espaço-temporais que atravessam este subespaço urbano. São perceptíveis os sujeitos e produtos próprios da região (queijos, carnes, cereais, animais, artesanato) e suas formas diacrônicas de armazenagem e comercialização. São exemplos desta dinâmica dita tradicional as sacas de feijão expostas na praça, à espera de compradores que veem suas encomendas sendo embaladas no instante da compra; e os vendedores ambulantes de hortaliças e frutas que seguram os saquinhos e abordam os transeuntes do centro. A feira livre de frutas, legumes e demais vegetais, organizada diariamente na travessa Chagas Holanda, próxima ao Mercado da Carne, também se enquadra numa dinâmica anterior aos padrões contemporâneos de comercialização. A abordagem é familiar, sem códigos modernos de negociação, sendo o dinheiro em espécie a única forma de aquisição das mercadorias. Nesta mesma dinâmica, destaca-se a pequena feira livre de mercadorias diversas realizada na rua Eldásio Barroso, próxima a agência da Caixa Econômica Federal. Produtos manufaturados locais, nacionais e internacionais, geralmente de baixa qualidade, são negociados principalmente para os visitantes do centro (moradores de outros distritos e outras cidades).

Não só deste comércio informal “vive” o Centro. Pelo contrário, é crescente o número de estabelecimentos comerciais que integram uma dinâmica estadual e nacional. No setor de eletrodomésticos, quatro grandes grupos estaduais estão instalados (lojas Macavi, Rabelo, Maia e Zenir). Dos muitos supermercados, dois

compõem uma rede estadual (Pinheiro Supermercado e Mapel). A rede nacional de farmácias Pague Menos também está presente. Além destes empreendimentos, somam-se a nível extra-local franquias de roupas (Via Direta), de colchões (Ortobom), de perfumaria e cosméticos (Boticário), de provedores de internet e telecomunicações (TIM, Vivo, Claro, BaydetNet, FortalNet).

Além dos capitais extra-locais, os empresários locais diversificam seus investimentos em vários setores, principalmente nos relativos ao abastecimento alimentício e de combustíveis. Também concorrem empresas no setor de venda de bens duráveis como automóveis, motocicletas e eletrodomésticos.

Em termos de serviços, as agências bancárias são os estabelecimentos mais solicitados, destaque-se a presença das agências dos Bancos do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal e Banco do Nordeste do Brasil. Também, encontram-se outras empresas nacionais de concessão de financiamentos e crédito pessoal.

Aspecto marcante da paisagem de Quixadá são os pontos de concentração dos transportes “coletivos” que trazem os visitantes diários vindos dos distritos e de outras cidades. Nos dias úteis, as ruas circundantes da praça da matriz (além de outras) servem de ponto de embarque e desembarque dos cidadãos do sertão. Sedo da manhã, homens, mulheres e mercadorias lotam os caminhões e caminhonetes, que improvisadamente, usam em suas carrocerias tábuas como acentos. Este tipo de transporte informal é predominante e aparece como solução para a circulação nas difíceis estradas locais. Raros são os ônibus que servem a este fim. A rodoviária, também localizada no Centro, realiza papel singular na conexão da cidade com a sua região. De lá partem ônibus para destinos locais (sertão central), estaduais (principalmente, Fortaleza) e também nacionais. Fato consolidado pela estrutura rodoviária, caracterizada pelo entroncamento de vias estaduais que ligam a cidade a Região Jaguaribana, região Centro-sul, região Metropolitana e região do maciço de Baturité.

Além dos automóveis e motocicletas, o transporte característico do centro são as carroças puxadas geralmente por burros. Veículos, que podem representar o tradicional e a lentidão, mas para a cidade servem como solução barata e flexível para o transporte de pessoas e mercadorias. Não são raros os fretes e as mercadorias que são transportados pelo velho veículo de tração animal. São inclusive estratégicos para o abastecimento d’água. Apesar do abastecimento público, algumas casas utilizam-se do recurso hídrico comercializado pelos carroceiros. São, inclusive, única opção para muitos quando acometidos de interrupção do abastecimento canalizado.



Figura 1. O centro urbano de Quixadá

Os espaços de poder também, em sua maioria, estão inseridos na tessitura do Centro. A Câmara Municipal, a Cúria Diocesana e muitas secretarias municipais representam os poderes instituídos, mas não assimilados como espaços de cidadania. Diz-se isso, à medida que a noção de direito ao centro, significa incorporar os espaços públicos como bibliotecas, museus, escolas e ruas por meio de ações lúdicas e, também, pelo estabelecimento de uma cultura de pertencimento aos referidos espaços. Tomemos como exemplo as praças.

As cinco praças situadas na área central correspondem aos principais espaços públicos da cidade. Destaque principal a Praça Manoel de Barros, onde são organizadas as maiores manifestações e festividades (comícios, festas cívicas, populares e folclóricas). Nelas, as crianças brincam a noite, os estudantes concentram-se para boêmia, para o namoro e para os estudos. Nelas, também se pratica exercícios físicos e se joga conversa fora. Ressalta-se a importância de tomar essas circunstâncias como indicadores de qualidade de vida. A “eficiência” e/ou “desenvolvimento” do centro da cidade não pode ser medido somente por suas condições de atração de mercadorias e investimentos. Neste sentido, recorre-se ao equívoco de criar espaços regidos pela lógica econômica. O espaço banal, lúdico, da reprodução da vida inclui o uso e não somente a troca.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva econômica tem influenciado a produção da cidade fato que para determinados grupos sociais representam a modernização e o “desenvolvimento”. No entanto, uma série de questões põe em discussão esse ponto de vista.

Prédios e casarões componentes do patrimônio material e da memória coletiva da cidade são demolidos com o intuito de ampliar as salas comerciais. O aumento constante do tráfego de

veículos automotivos compromete os espaços dos pedestres, sendo que ambos, pedestres e motoristas, ainda não se incorporaram as normas e códigos de regulação do trânsito.

Acredita-se que a maior virtude deste escrito seja, contraditoriamente, suas lacunas. Posto que, são as mesmas que impulsionam novas pesquisas, confirmativas ou negadoras das explicações e hipóteses aqui estabelecidas. Conclusivamente, afirmar-se que as cidades, pólos ou não, precisam compor a agenda de pesquisa dos diferentes pesquisadores.

4. BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. C. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Atlas, 1986.

DANTAS, E. W. C. Sistema de cidades em terra semi-árida. In: ALMEIDA, M. G; RATTS, A. J.P. (orgs). *Geografia – leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 207-236.

COSTA, J. E. *Retalhos da história de Quixadá*. Fortaleza: ABC Editora, 2002.

EGLER, Claudio A. G. *Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil*. Configuração e dinâmica da rede urbana. Petrópolis, 2001 (digitado).

ELIAS, Denise. Integração competitiva do semi-árido. In: ELIAS, D.; SAMPAIO, J. L. F. (orgs). *Modernização excludente*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p. 12-38.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Regiões de influências das cidades 2007. Rio de Janeiro, 2008.

IPECE. *A regionalização do estado do Ceará: uma proposta de reformulação*. Fortaleza, 2006. (textos para discussão, nº 25).

IPECE. *Perfil Básico Municipal – Banabuiú*. Fortaleza, 2009.

IPECE. *Perfil Básico Municipal – Boa Viagem*. Fortaleza, 2009.

IPECE. *Perfil Básico Municipal – Choró*. Fortaleza, 2009.

IPECE. *Perfil Básico Municipal – Ibaretama*. Fortaleza, 2009.

IPECE. *Perfil Básico Municipal – Madalena*. Fortaleza, 2009.

IPECE. *Perfil Básico Municipal – Quixadá*. Fortaleza, 2009.

IPECE. *Perfil Básico Municipal – Quixeramobim*. Fortaleza, 2009.

LEFEVBRE, Henri. *A revolução urbana*. Tradução de Sérgio Martins. 2ª reimp. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?* Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. *A natureza do espaço*.

SOUSA, M. A. (coord.). *Conhecendo e construindo a história de Quixadá*. Quixadá: Gráfica Tipogresso. s/d.

SOUZA, M. S. Ceará: bases de fixação do povoamento e o crescimento das cidades. In: SILVA, J. B.; CAVALCANTE, T.; DANTAS, E. W. C. (orgs). *Ceará: um novo olhar geográfico*. 2ª ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007. p.13 – 33.

SPOSITO, E. S. *Redes e cidades*. São Paulo: UNESP, 2008.